

Paulo de Tarso (Pardal)



**SINOS
NETOS**

Ilustrações de

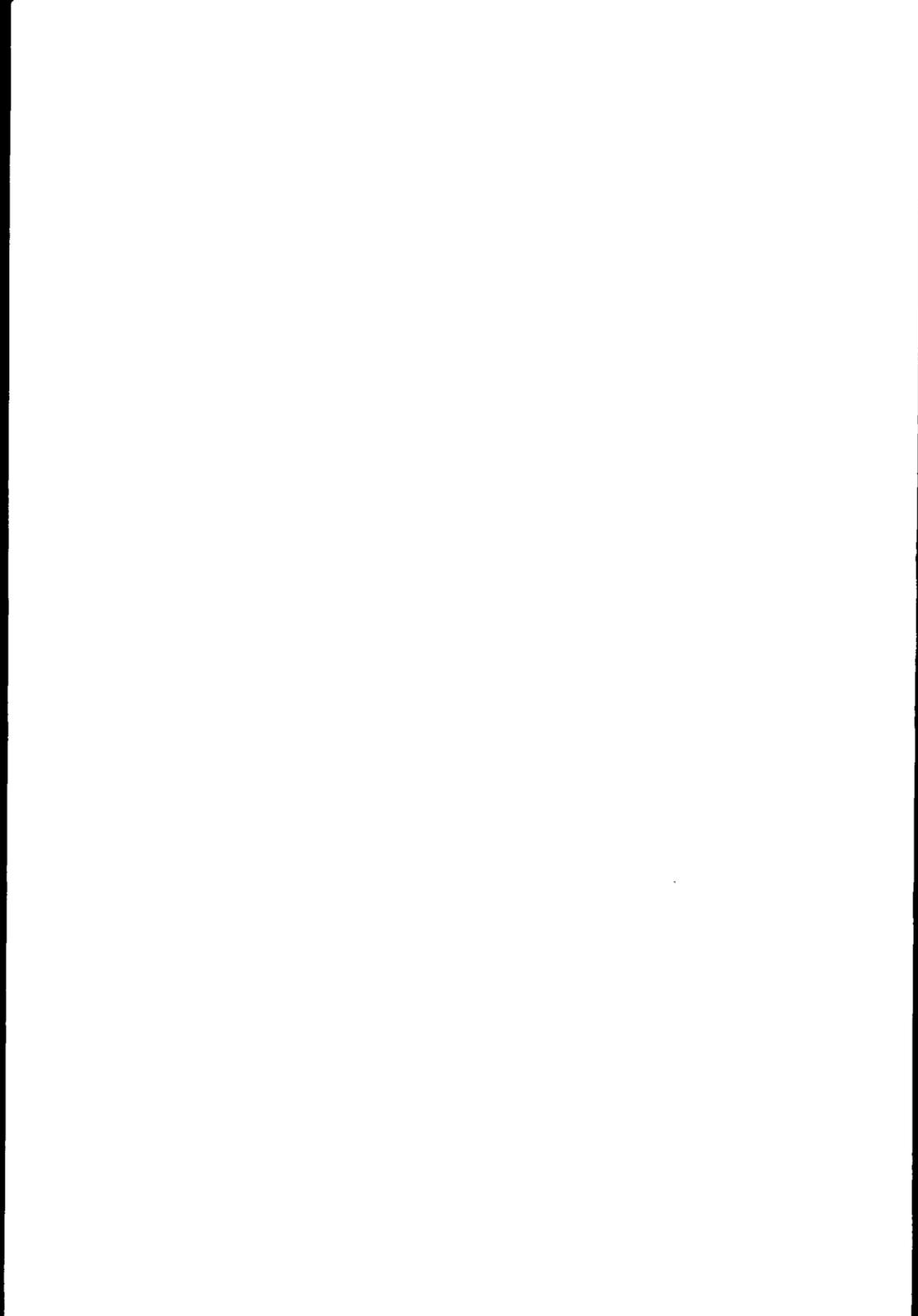
Audifax²⁰⁰⁰



Paulo de Tarso (Pardal)

SONETOS

Fortaleza - CE
2000



Paulo de Tarso (Pardal)



Ilustração de *Audifax*²⁰⁰⁰

PREMIUS
EDITORA

Edições
Livrarias
Livro Técnico
DISTRIBUIDORA E LIVRARIA



Matriz: Rua Dom Joaquim, 54 - Aldeota
PABX: (85) 433.9494
Fax: (85) 433.9495
Fortaleza - Ceará
www.livrotecnico.com.br
livrotecnico@livrotecnico.com.br



**GRÁFICA E EDITORA
ASSIS ALMEIDA LTDA.**

Capa: Audifax Rios

Editoração e Diagramação: Editora PREMIUS

Av. Antônio Pompeu, 1705 - Farias Brito
PABX: (85) 281.5072 - Fax: (85) 283.1083
Fortaleza - Ceará - Brasil
premius@roadnet.com.br
www.premiuseditora.ind.br

T 1935 Tarso, Paulo de
Sonetos / Paulo de Tarso. –
Fortaleza: Edições Livro Técnico / 2000.
48p.

1. Literatura Cearense I. Título

CDU 869.0(813.1) - 193

Leitor,

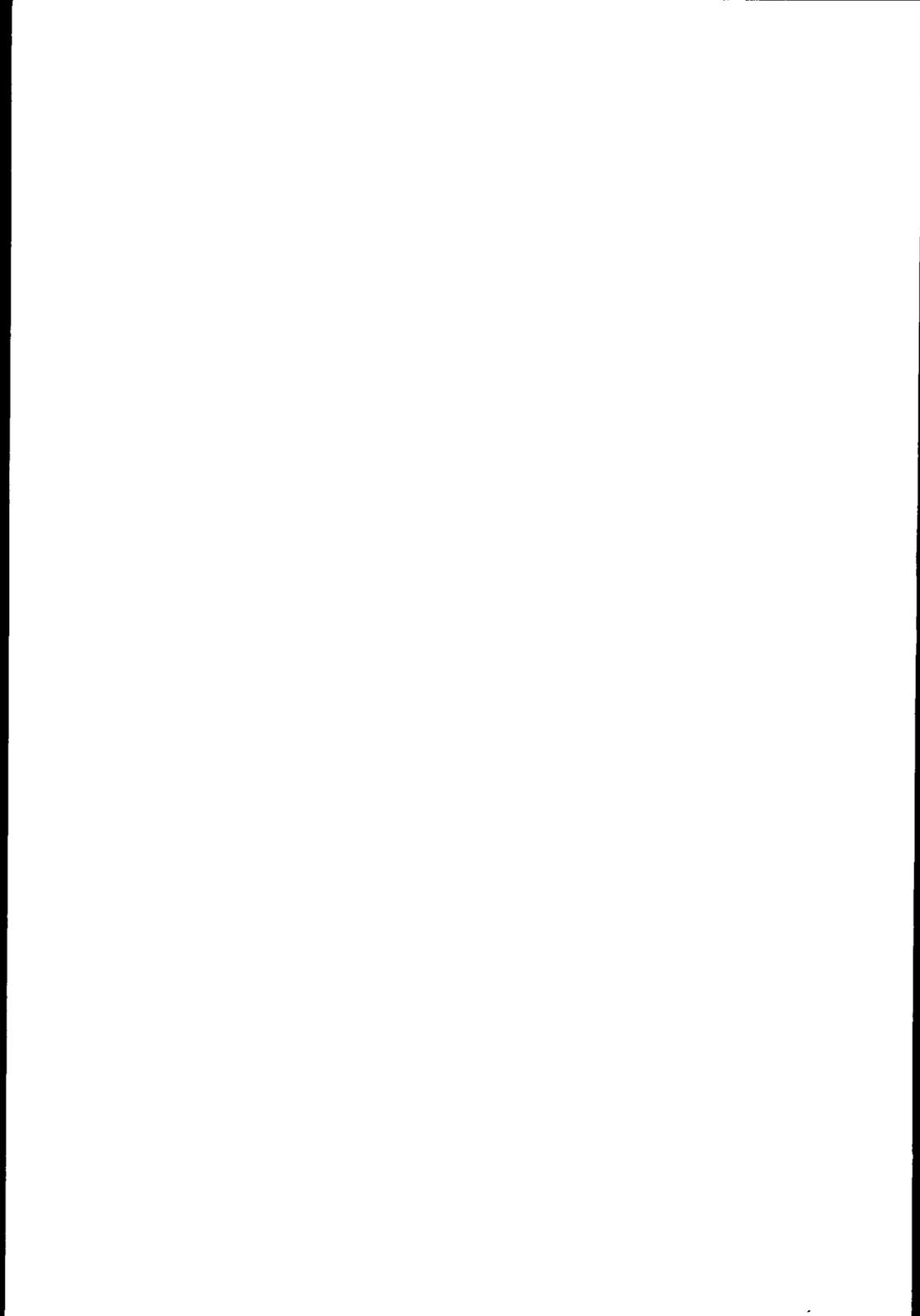
Parece brincadeira dos quatro cantos. Como se fosse no Rostro Hermoso, Opção, Padaria Espiritual ou Manteiga da Terra. Recantos cheirando a poesia, boemia, gente.

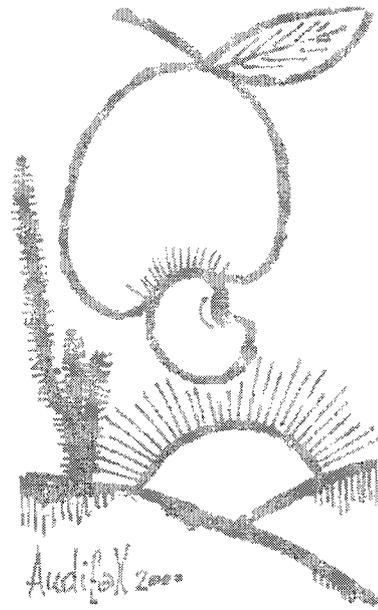
Também são quatro cavaleiros: Parda, Luciano, Tufic e Alano. Naipes completos para uma canastra real. Com copas e damas.

Mais quatro, dois quartetos e dois tercetos para tecer a difícil arte de sonetar.

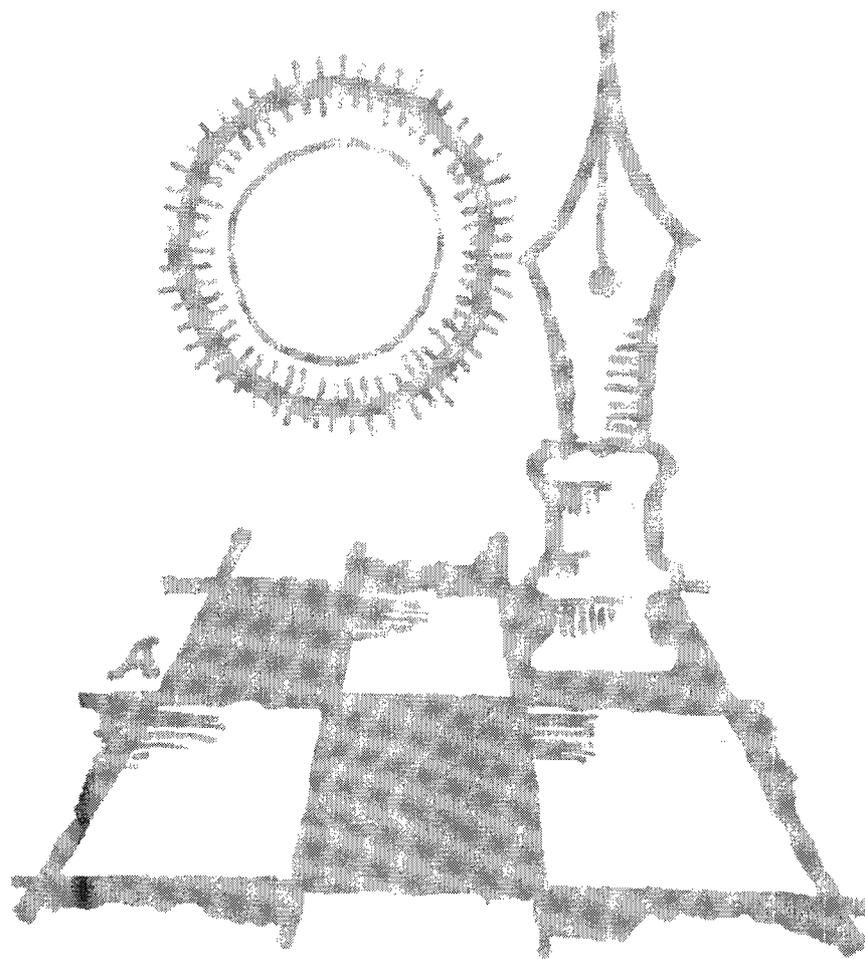
Posta a mesa, geladinhos, aperitivos e caju e a poesia para o seu deleite. Corra logo para não ficar de bobo do meio.

A.R.





SONETOS
VÁRIOS



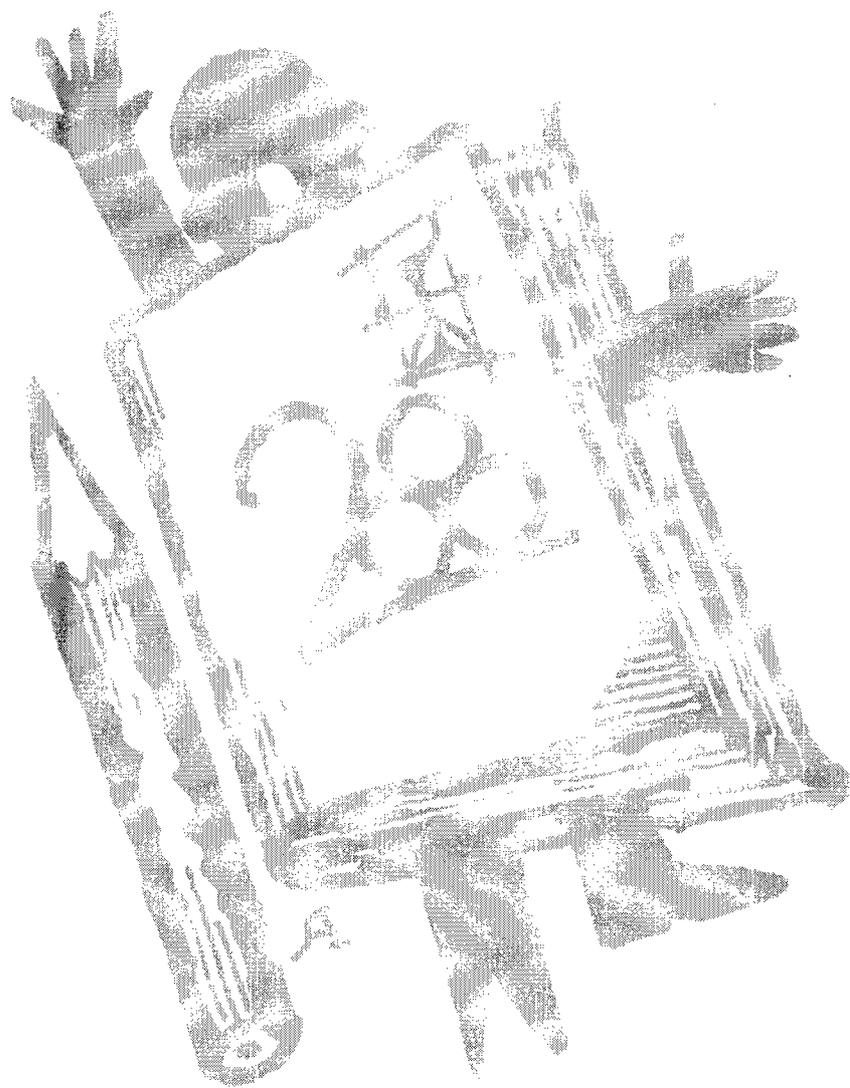
MATA A COBRA E MOSTRA O PAU

Um soneto se faz com dois quartetos,
dois tercetos e rima em cada verso.
Não existem mistérios, ou amuletos,
para o cabra afinado e incontroverso.

Mas, se o verso sair em branco e preto;
se faltar boas rimas, não ingresso
neste canto de mundo, neste gueto,
cujo som é uma porta sem acesso.

Se você preferir, pode ir buscar
velhas rimas guardadas no baú,
ou, então, redescubra o seu penar.

Se quiser, peça ajuda de Exu,
mas não tire as palavras do lugar,
que esta dança não é pra qualquer um.



SONETO PARA A MINHA AGENDA

A minha agenda é minha vida em dias
por onde andei durante todo ano.
Ali, estão todos os desenganos;
ali, estão, também, as alegrias.

Eu tenho uma profunda nostalgia,
quando ela fica encostada num canto.
Ao mesmo tempo, tenho um grande espanto
por ser, também, motivo de poesia.

É como se fosse uma grande amiga,
de quem eu me despeço, com ternura;
e sofro a grande dor da despedida.

Ela foi meus olhos do ano passado,
mas, já cumpriu o seu maior destino:
o de ser, agora, apenas um fado.



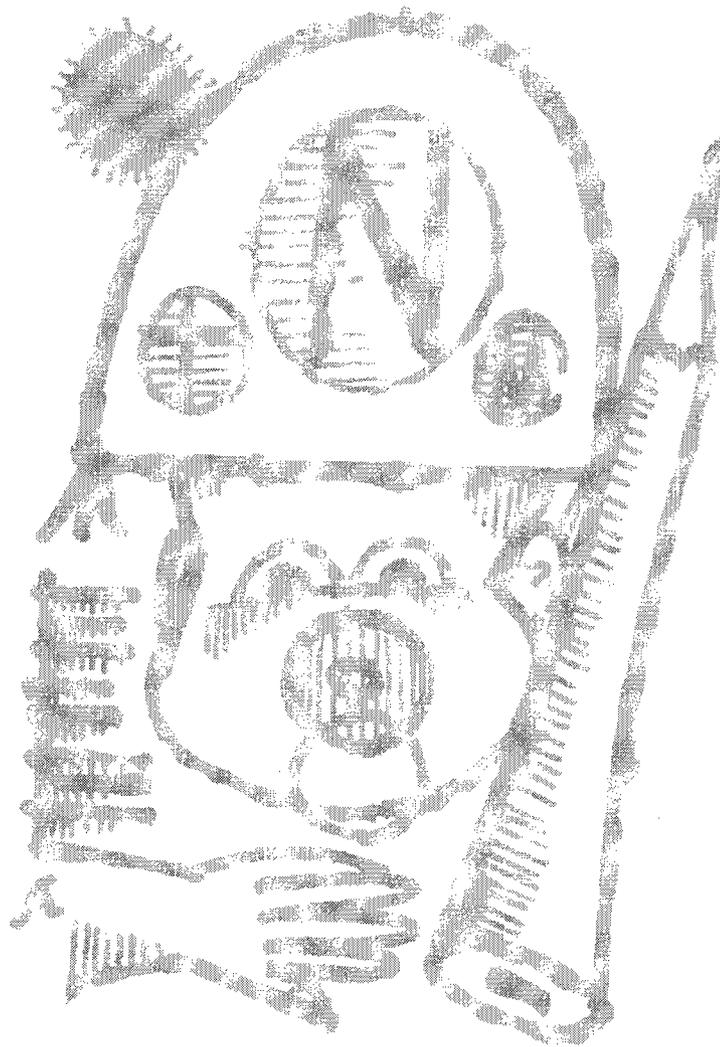
ABESTADO

O poeta é um ser diamantado,
que se nega a viver sem um refrão,
que se arvora em fazer um belo quadro
das notícias de dentro - a ficção.

Correndo como um louco desalmado
se a palavra lhe vem na contramão,
bota lenha no fogo apagado
- um maldito que corta a própria mão.

Convivendo com os bichos do seu tempo,
vai em busca do risco mais exato,
da manchete corroída pelo vento.

Mesmo assim ele dá um pizzicato
na mulher ou no verso pardacento
e cai nesta armadilha feito um pato.



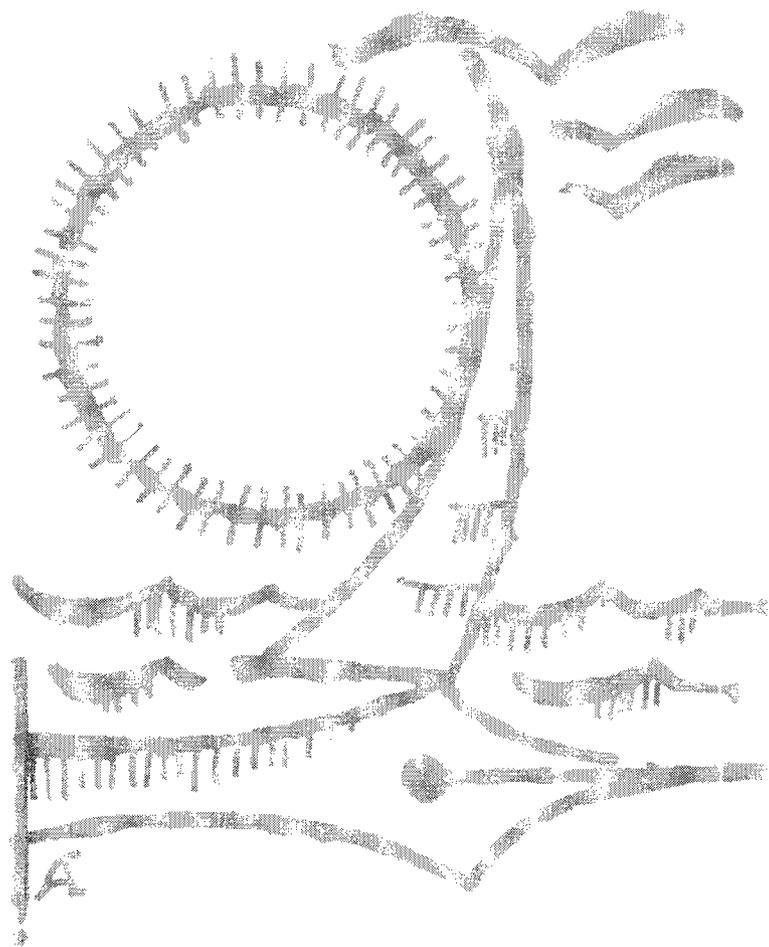
CANGACEIRINHO DE CHUPETA

Para Napoleão Torquato Maia
Reinventor de um bárbaro de bico
Desenhista da seiva de uma faia
Dedico este soneto - meu escrito.

Este cangaceirinho de chupeta
É o símbolo mais vivo deste chão
É história revivendo aquele asceta
É a vida mais real deste sertão.

Carregando a mais bela lazarina
Este herói renasceu - pingo de gente -
De seus traços ligeiros de carpina.

De chapéu enfeitado com pingente
É desenho que agora me fascina
Agradeço-lhe muito este presente.



DELETANDO VOZES

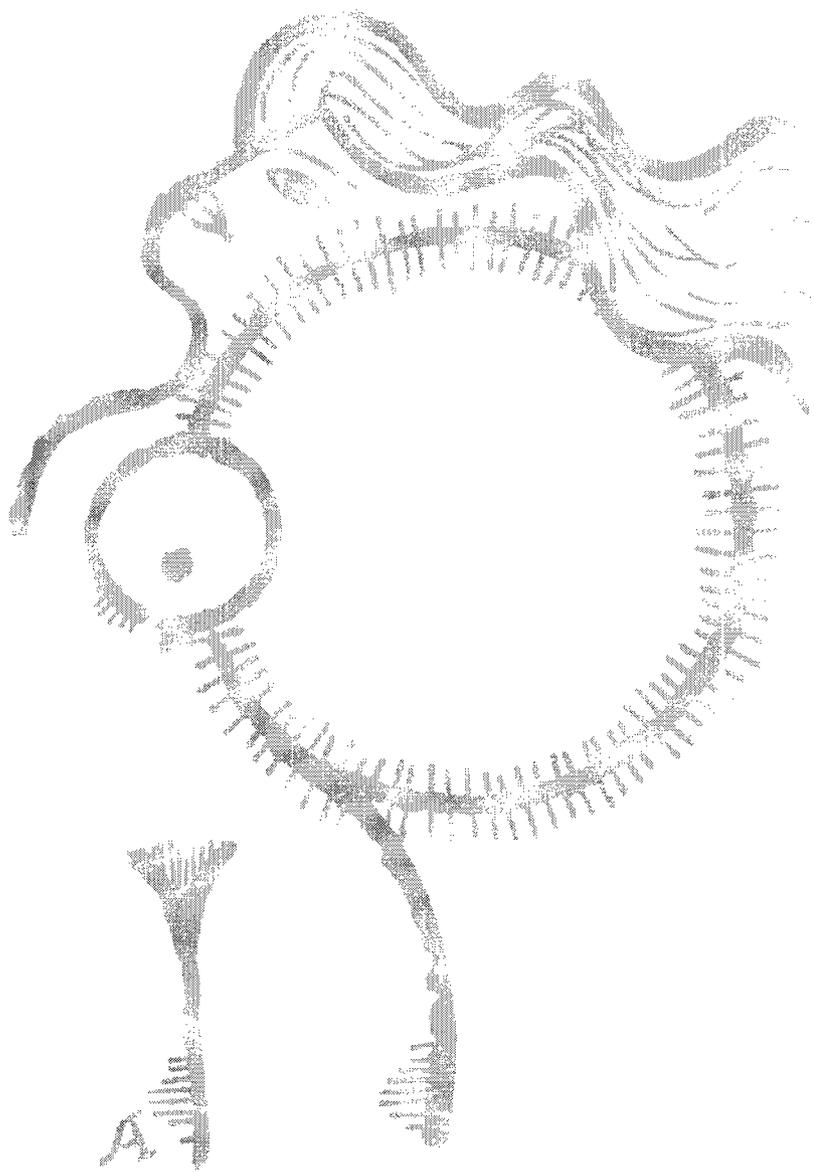
Para Flávio Torres

Quantos gestos eu fiz pra você ver?
Quantas vezes você não me sentiu?
Quantos cantos compus, para lhe ter?
Quantas vezes, de mim, você fugiu?

Hoje, não quero mais me arrepender.
Hoje, vou só pintar com azul-anil.
Meus pincéis estão doidos pra me ver.
Meus poemas esperam a cor do cio.

Refazendo cantigas de ninar,
como um velho jogral, um menestrel,
vou levando, comigo, o fim do mar.

Deletei as palavras que têm fel.
Vou fazer mais sonetos, vou cantar
com as belas cantigas de Noel.



O SONHO

O repique do surdo no oco do mundo.
Uma voz ofegante querendo passar.
O chocalho no sol a bater por segundo.
Essa voz estridente que vem lá do mar.

E os martelos retinem com pregos azuis,
e a mulher escarlate não tarda a chegar,
e os tambores temperam o vidro na cruz,
e os três pinos do osso começam a gritar.

As esporas de prata com sangue a ferir
este sonho maluco que há de acabar,
já retomam o barulho do berro a balir,

e a matraca machuca, martela a clamar,
e o pandeiro do mundo mundano a tinir,
e a mulher escarlate me veio levar.



**PARA JORGE TUFIC,
PELOS QUARENT'ANOS
DE POESIA.**

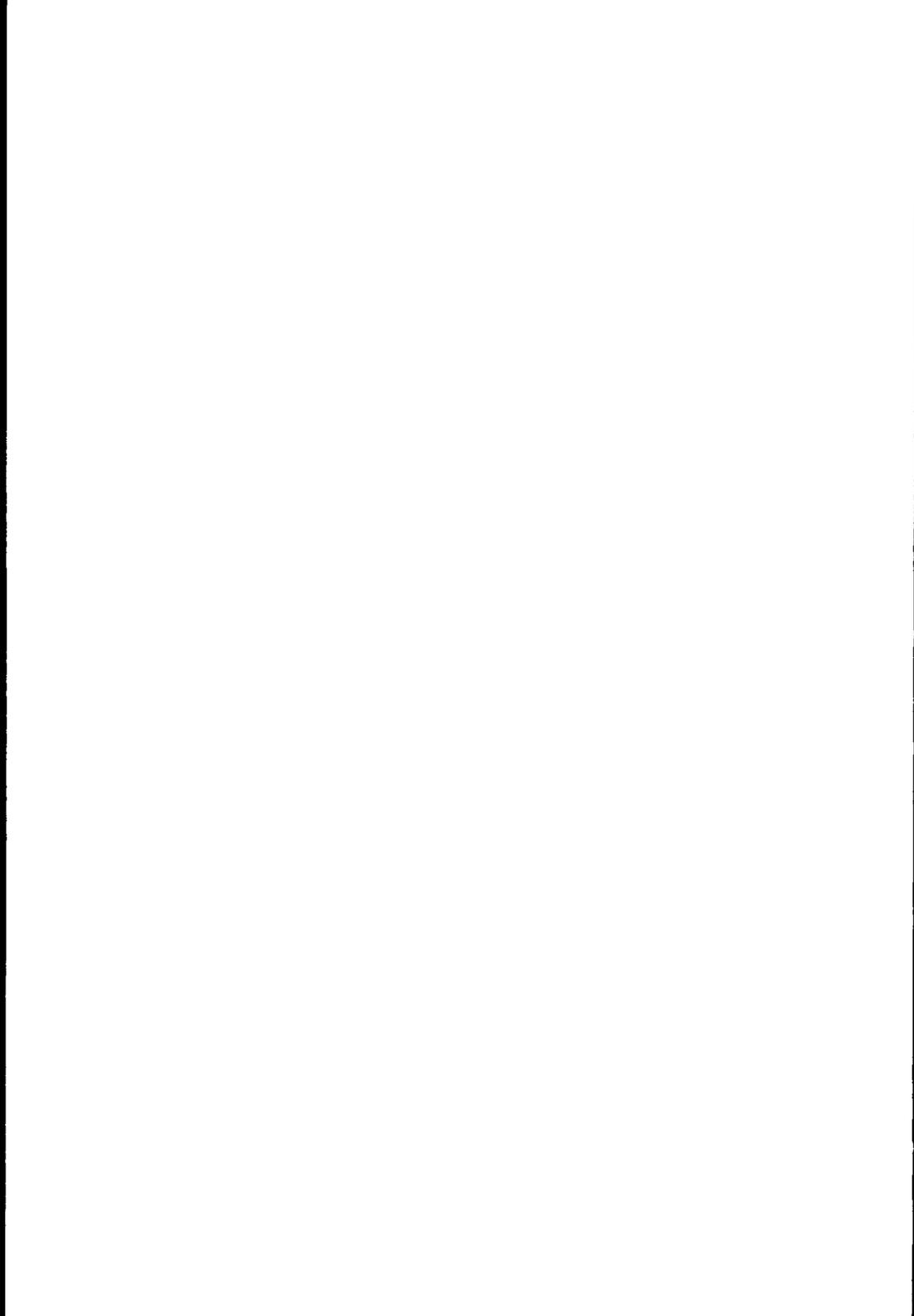
Poeta que encantou nosso ambiente
e conhece os segredos do universo.

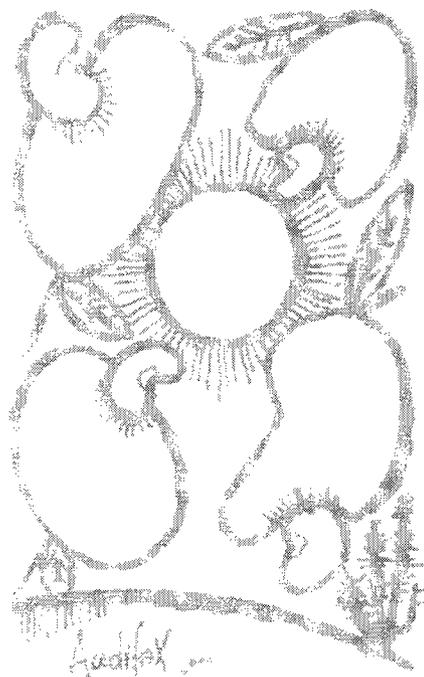
Poeta feito lúcifer-duende
que ilumina os vermelhos deste verso.

Chegou com uma tigresa - amor tão quente,
infinita, invisível, mas imersa
em cantos que desenharam o poente,
em desenhos de mil cantos submersa.

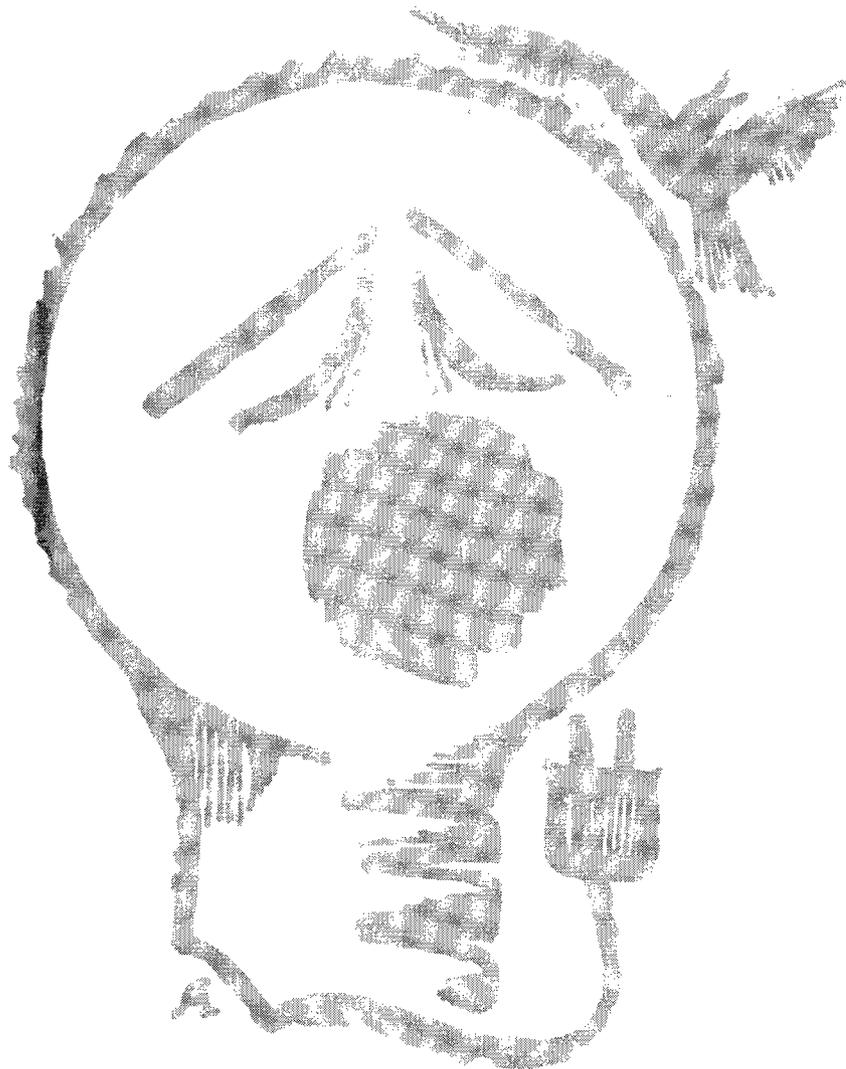
Olhos umedecidos de floresta.
Mãos que sabem rever o verso inteiro,
mortalmente ferida pela gesta.

Quando menino foi emboanceiro.
O destino ferrou-lhe marca certa:
de amigo, de poeta, de parceiro.





SONETOS A
MUITAS MÃOS
E MUITAS
CERVEJAS



No. 1

Paulo de Tarso (Pardal)
Jorge Tufic

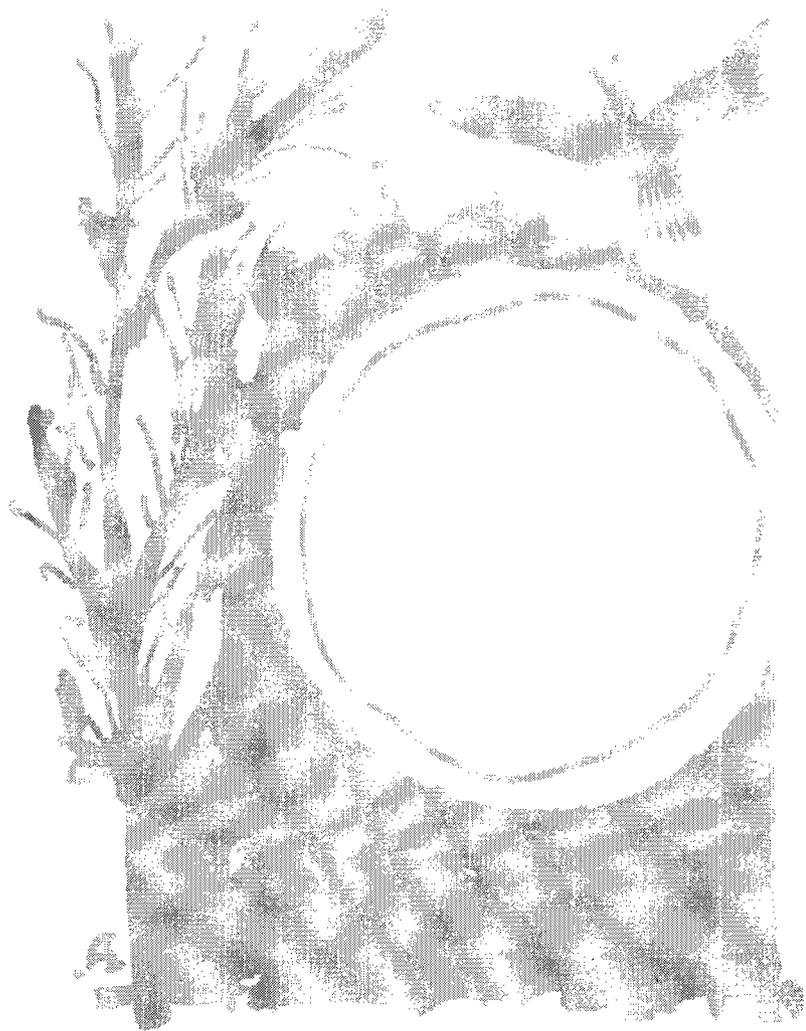
O pânico segura a humanidade,
desde que a humanidade se humanize.
Não quero que esta vida se deslize
para o terror que negue a sanidade.

Recuso-me a falar da vaidade
que no erro insensato se eternize,
na dor de não sentir - sensibilize
o ser diante do lixo e da cidade.

Quero sentir a dor desse momento
feito de humana subordinação.
Quero sentir teu corpo, teu lamento,

contra tudo que o sonho contraria.
Mesmo que eu perca o fio da paixão,
resta o espaço do sonho e da poesia.

(19.10.96)



No. 2

Paulo de Tarso (Pardal)
Jorge Tufic

O círculo da luz parece um fogo
em cujo centro a noite se abre plena.
No meio deste escuro há sempre um jogo
e tem no meio a lâmpada serena.

Quisera estar no incêndio deste fogo;
ver nascer o meu sonho e a minha chama;
e dizer que este círculo conclama
os extremos de mim que já não toco.

Se este pedaço de ínfima loucura
se ilumina de um ponto inda indiviso,
este ponto é sublime conjectura,

diminuto universo camuflado.
Que este canto vermelho, este improvisado
seja a forma de ser do verso alado.



AINDA VAI?!!!

Para Vera Galvão

Paulo de Tarso (Pardal)

Luciano Maia

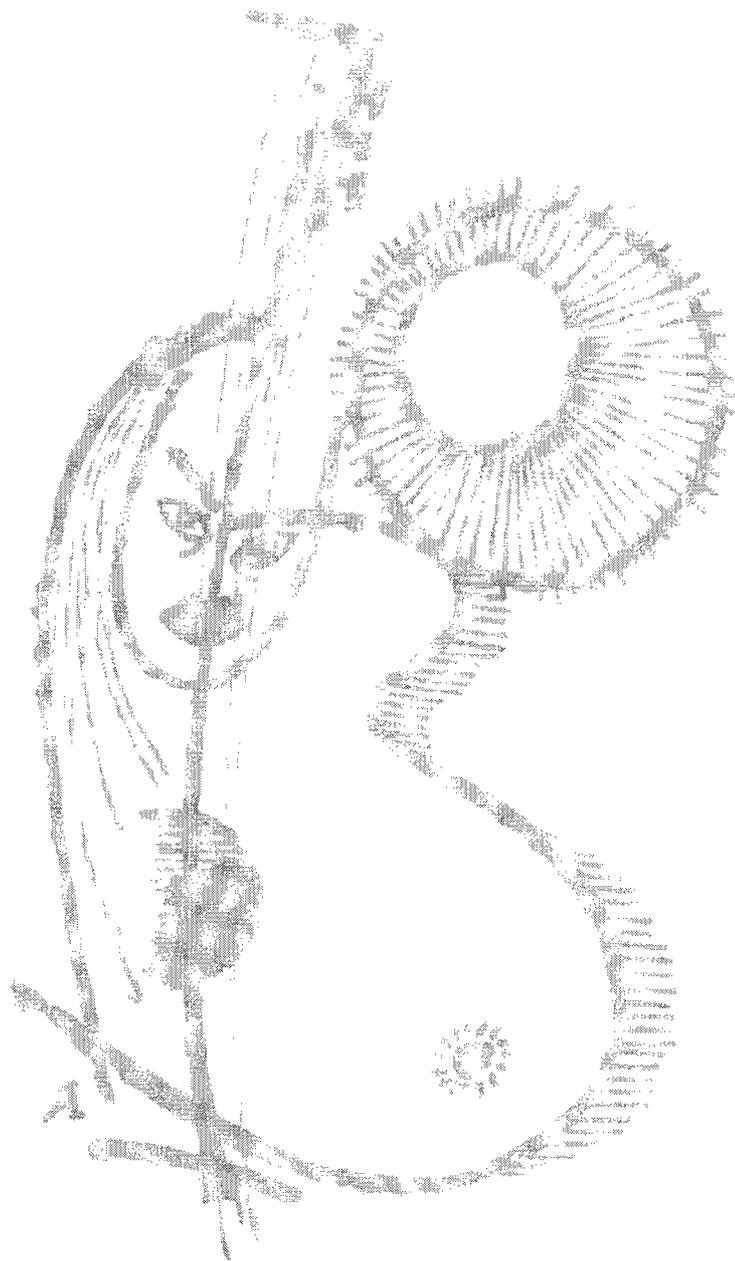
Esta mulher que agora nos deixou
retornará vestida de tristeza,
cheia de rugas rudes - sem certeza
de que o amor valeu ou se passou.

Quando ela retornar desse torpor
de nos haver abandonado à mesa
notará que seu cetro de princesa
nas mãos da sua ausência enferrujou.

Sua majestade agora está perdida
e já tombaram todos os castelos
e seu reinado longo quer guarida,

à sombra dos instantes que eram belos.
- Volta princesa, pois tua saída
fez os verdes tornarem-se amarelos.

(02.12.96 - sob o signo de sagitário)



QUANDO?

Paulo de Tarso (Pardal)
Luciano Maia

Se ela vier, os rastros da canção
e os primeiros acordes da viola
darão sinal de uma ressurreição
de tudo quanto agora me recorda.

Com isto sonho, mas com isto, não,
não me intimidarei com esta demora.
E assim virão mais sonhos e virão,
virão sonhos, mais sonhos nesta hora.

Mas se o azar detiver o seu desejo
juro que não darei nenhum arpejo
e o silêncio no mundo crescerá.

Qual de nós dois então renascerá?
Quem verá a mudez em que me vejo?
Existirá alguém que me virá?

(05.05.97)



SONH'AZUL

Paulo de Tarso (Pardal)

Luciano Maia

Quando eu olho essa estrela que não passa
meus desejos são hóspedes de um sonho.
Este meu sonho é dádiva que escapa
de horizontes num pórtico risonho.

Esta pele tão branca cor de garça
segura a cor do céu - azul tristonho
que pode até matar-me, mas perpassa
e transpõe o ocioso e o enfadonho.

Na verdade, eu queria sonhar mais
e sentir minhas asas desatadas
voar tão verdadeiro, além do cais.

Acompanhando as noites consteladas,
caminharei liberto entre os jograis
e entre as musas do sonho insuspeitadas.



PELEJA

Paulo de Tarso (Pardal)

Jorge Tufic

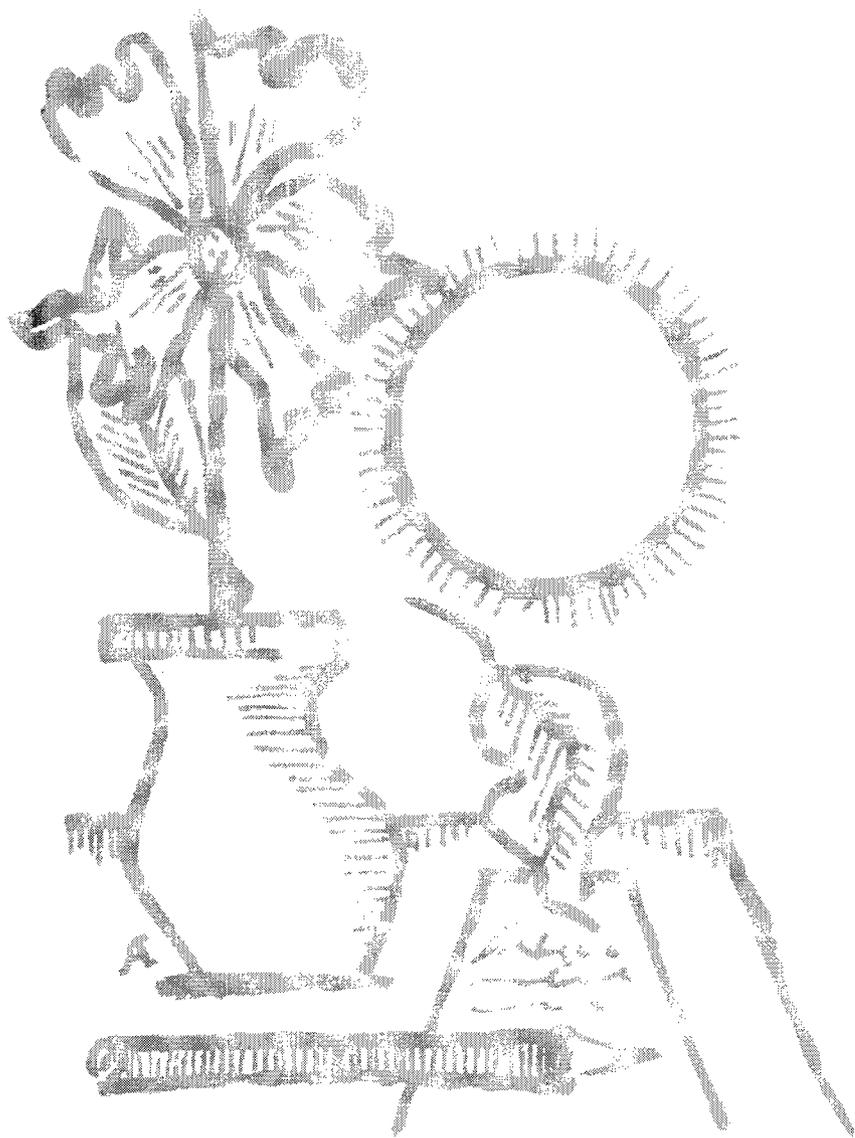
Alano de Freitas

A peleja que agora se inicia
envolve a noite, as armas e as estrelas.
Por ela enveredemos e somente
o sepulcro da mente nela fique.

A peleja que agora se inicia
que se faça com o ritmo e o som,
babalaôs de múltiplas macumbas.
Sejam benvindos cânticos e trovas

de Pã a flauta e Jericó nos mande
as trombetas e os doze sons do austríaco:
- que as muralhas desabem com seus mitos

e então, o caos nos mostrará a ordem
e a peleja que agora se inicia
só termine no derradeiro acorde.



SE DISSERES QUE NÃO, PODES PARTIR!

Paulo de Tarso (Pardal)

Jorge Tufic

Luciano Maia

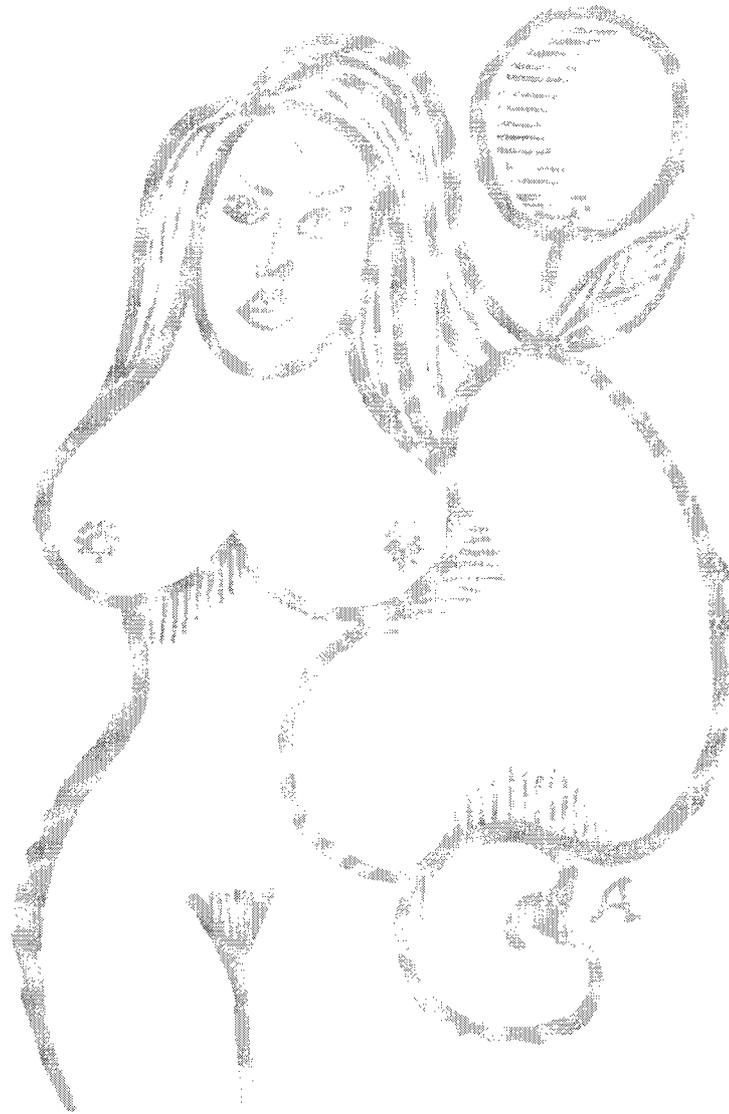
Alano de Freitas

Eu deixo um verso branco nesta mesa
e ganho as luzes da ternura plena.
Deslumbrando o palor da lua presa
e assumindo um vigor de gente amena.

Se me atirasse ao vôo dessas falenas
quem sabe conservasse mais acesa
a labareda azul de onde me acenas
com essa eterna e mágica beleza.

- Me diz: atinarás para estes versos?
Se disseres que não, podes partir;
caminhos há e são os mais diversos.

Sou El Rey perdido em Alcacer-Quibir
Direciona-me a espada e seus reflexos
assim eu saberei por onde ir.



MULHER DO EITO

Paulo de Tarso (Pardal)

Luciano Maia

Alano de Freitas

Trago o teu riso dentro do meu peito
e teu traço desenho há muito tempo
na lembrança cuidando do momento
de te fazer em mim sonho perfeito.

O que admiro em ti, mulher do eito,
é a brejeirice quando chega o vento
a tomar-te o sorriso liquefeito
da hélice do vivo catavento.

São anúncios de chuva e também chama
a crepitar no pátio de São João
o que te quero dar que tanto inflama.

Quando é bonito o vento os corpos vão
deitarem-se nos campos: nesta cama
de capins tão macios, verdes tão.



ETHEL

Paulo de Tarso (Pardal)
Luciano Maia
Alano de Freitas
Jorge Tufic

Ethel é nome de deusa, esta musa
que ao lado dos mortais se configura
como antítese plena da medusa
tem silhueta em fulgor e formosura.

Depois da reportagem eu quero um beijo
dessa imagem dos céus aqui baixada
beijo doce de línguas com traquejo
de astros livres na noite iluminada.

Ethel, juro por Deus que nunca vi
tanta paciência, tanta gentileza.
O humor, a perspicácia e tal beleza

juntam-se agora, tudo, tudo em ti.
Volta sempre à Iracema, ao bar e à mesa
que assim a manterás bem mais acesa.



RECLAMANTE

Para Mônica Barroso

Paulo de Tarso (Pardal)

Luciano Maia

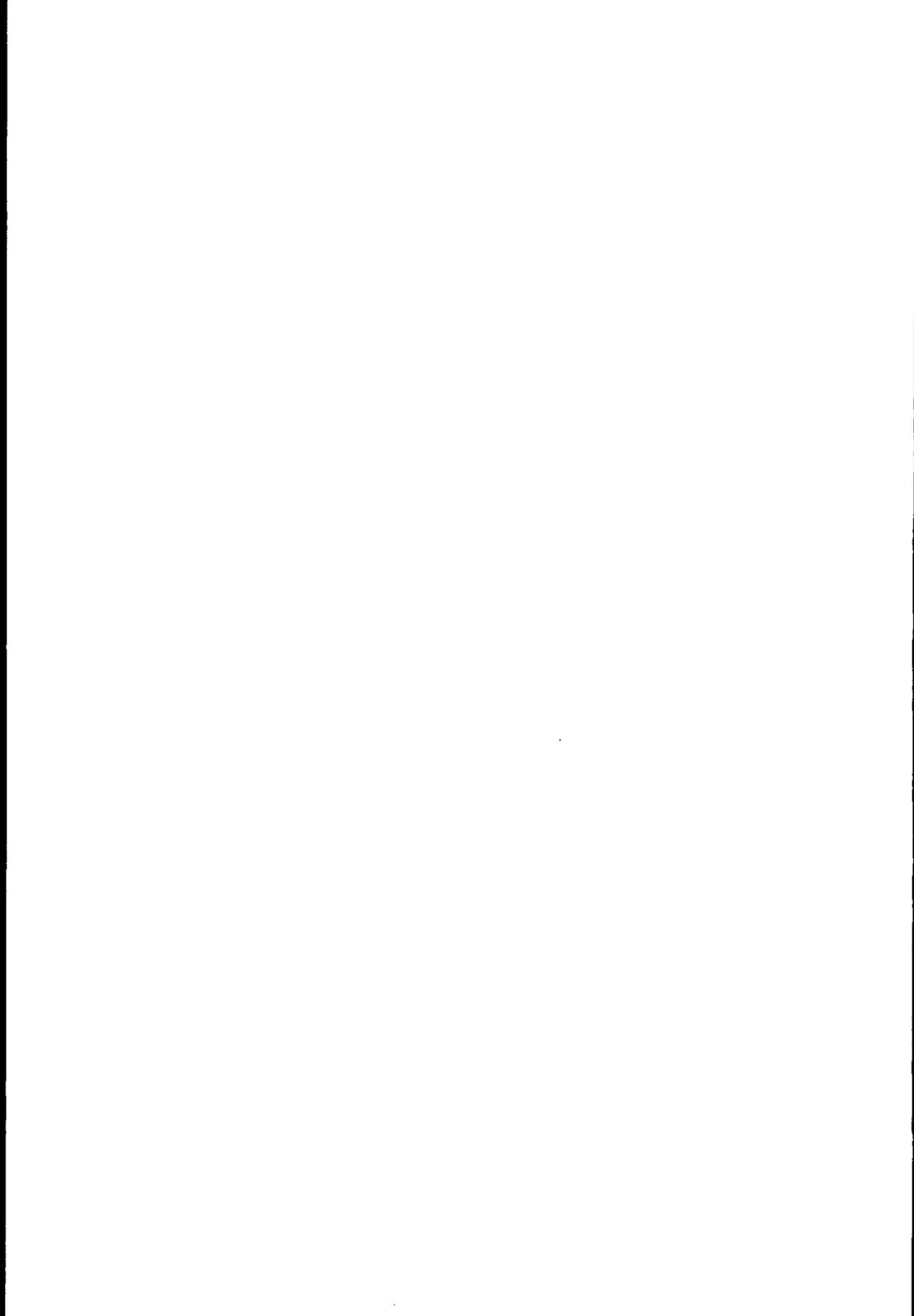
Alano de Freitas

Não adianta ser o que não queres
pois a poesia há de esperar por ti
que também és princesa que não feres
com tua queixa os que querem-te rubi.

Compreendemos ser próprio das mulheres
ser dengosas, vaidosas e partir
inteiras, bem partidas e requeres
um poema louvando-te daqui?

Não podemos rever esta lonjura
de diabos que a mulher sempre conjura
às vezes contra a própria ingratidão.

Mesmo assim atendemos teus apelos
e louvamos-te os olhos, os cabelos
em versos que por nós te cantarão.





PAULO DE TARSO VASCONCELOS CHAVES é filho de coletor federal que vivia de arribada via transferências porisso foi ver a luz do mundo em Russas, Ceará, no dia 9 de abril de 1955.

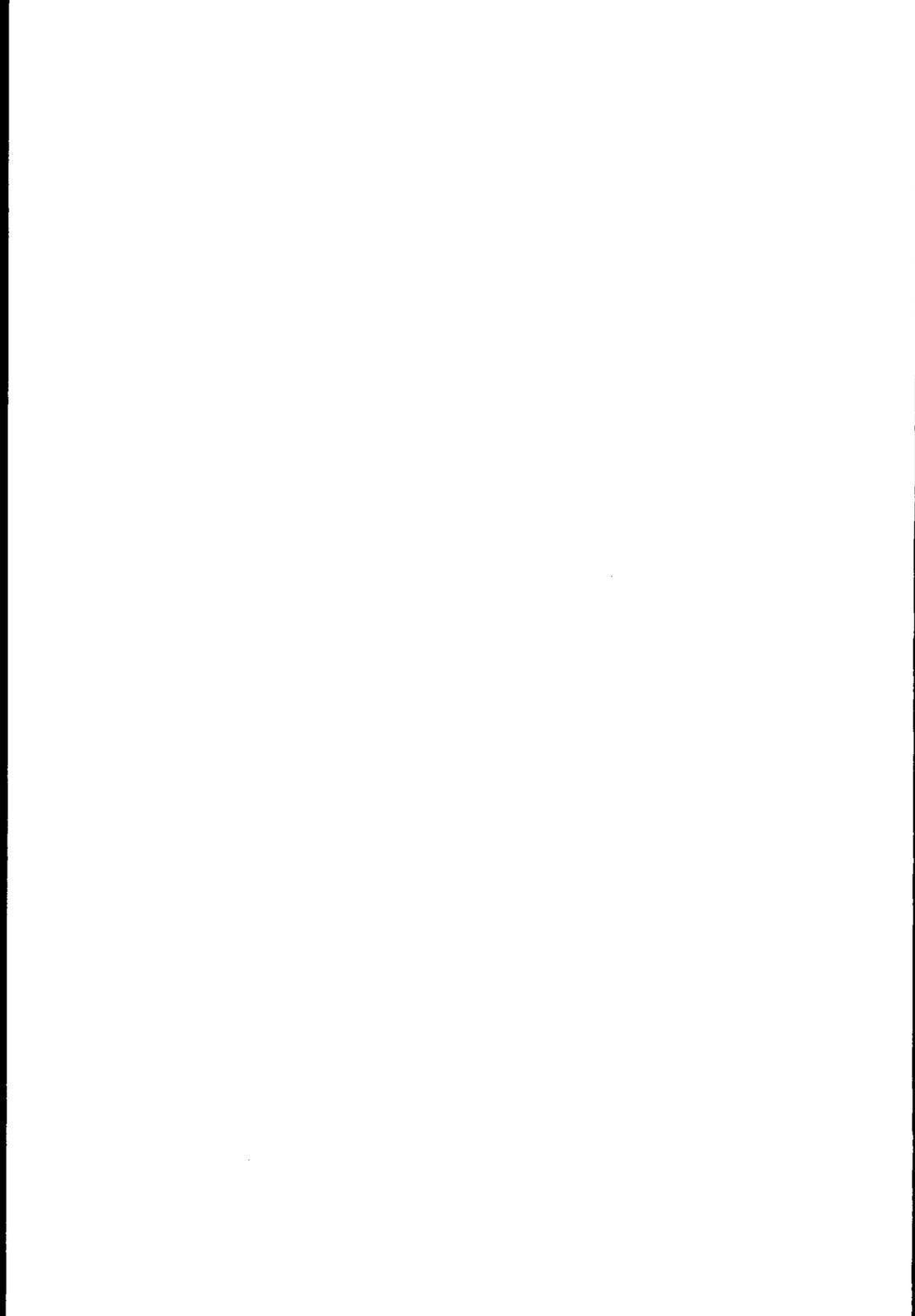
Bancário, também perambulou por este sertão mas tem mesmo é um pé em Fortaleza e outro em Santana do Acaraú, terra de seus pais.

Pequeno, ainda mexia com arte, música, artesanato e tudo o mais quando ganhou o apelido de “Pardal”, o professor/inventor dos quadrinhos de Disney.

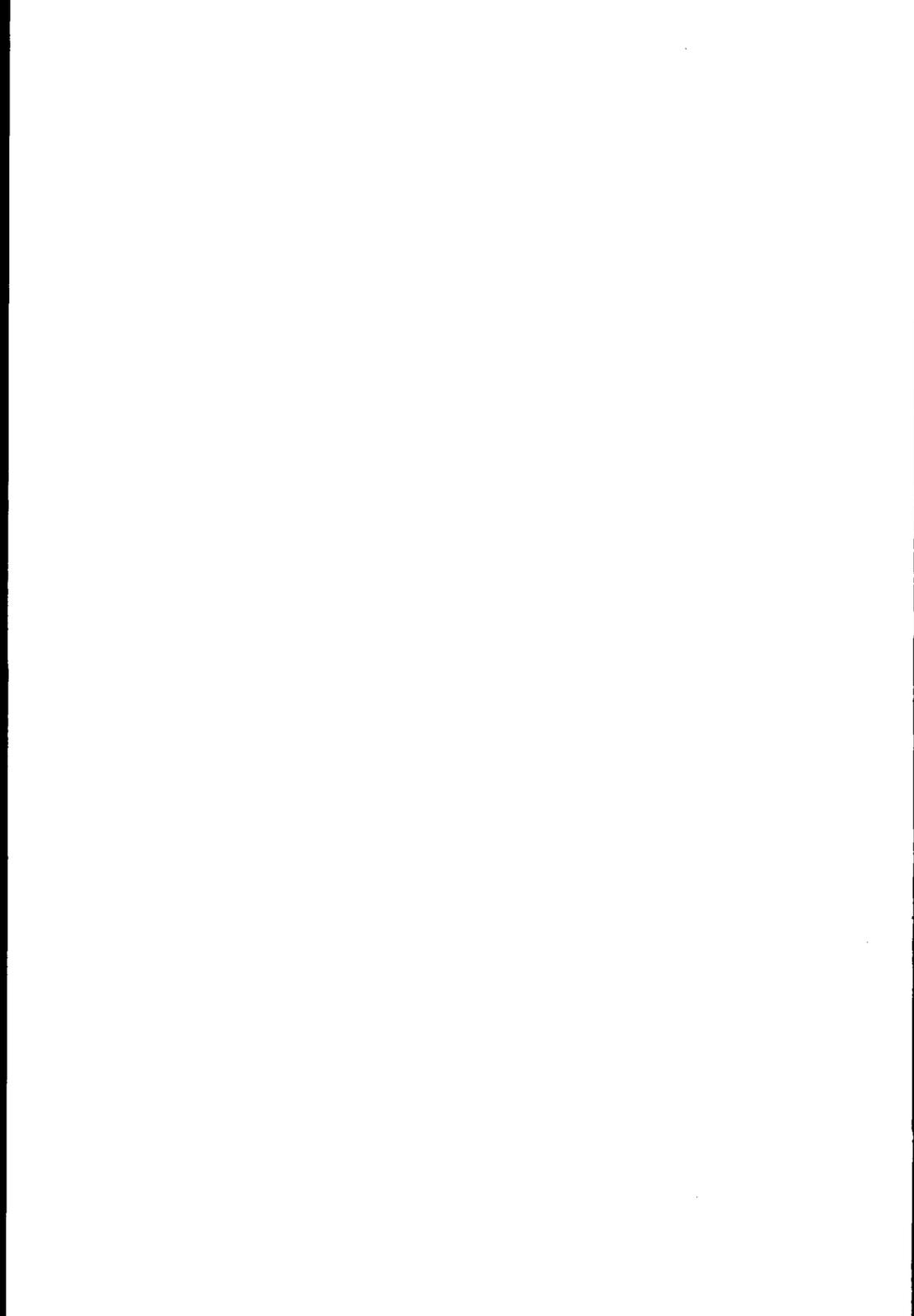
É poeta, constista, crítico literário, professor, pintor, compositor, instrumentista (violão e cavaquinho).

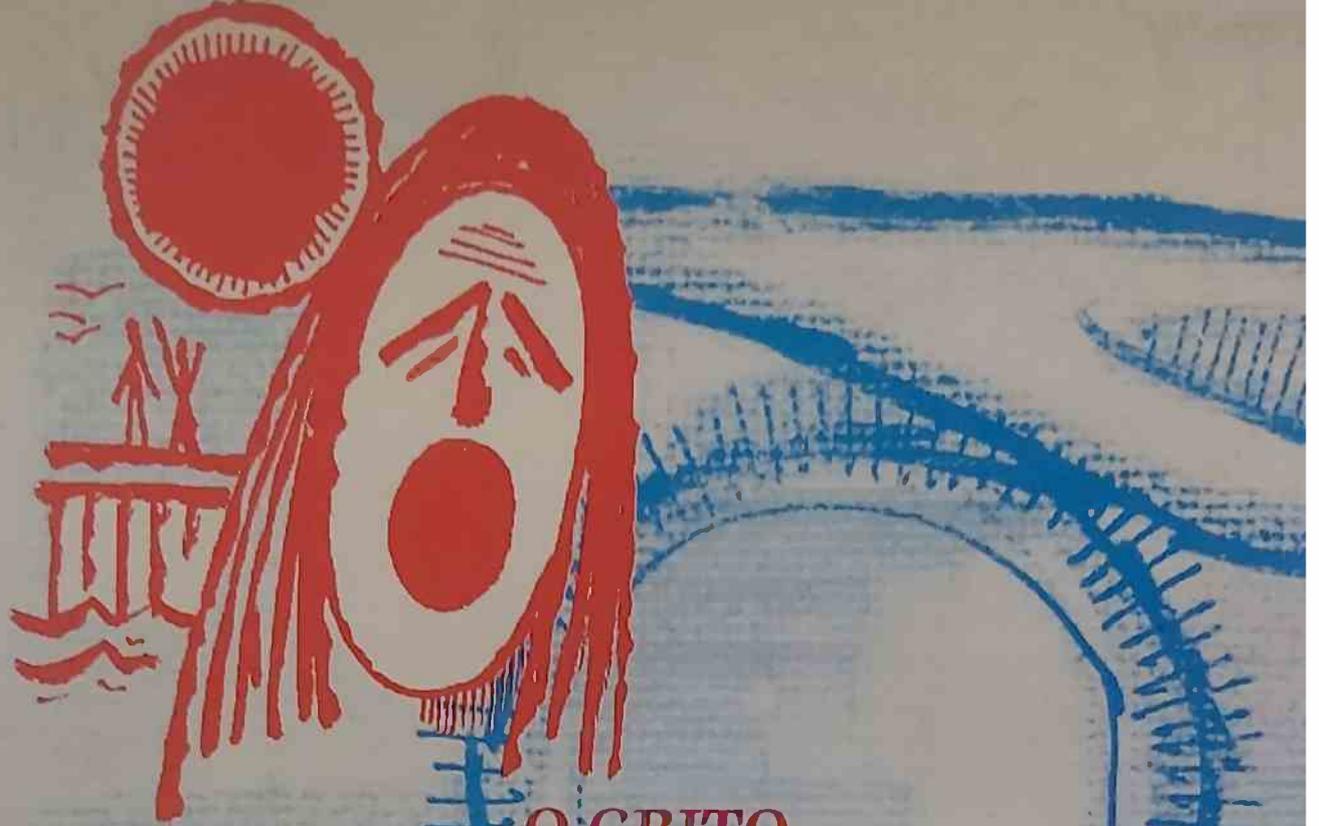
Tem publicados os livros MARGEM OCULTA e DIFÍCIL ENGANAR OS DEUSES (contos); PENSAIOS e O ESPAÇO ALUCINANTE DE JOSÉ ALCIDES PINTO (crítica literária) e este SONETOS (poesias).

Mestre em letras pela UFC, ensina Teoria da Literatura na UECE (função que exercia na UVA), e na Organização FARIAS BRITO É membro da Academia do Sonho.



ESTA OBRA FOI COMPOSTA EM
ZAPFCHAN MD BT, PROCESSADA EM
LASER FILM E IMPRESSO EM PAPEL
POLEN. PROJETADA E ILUSTRADA POR
AUDIFAX E IMPRESSÃO E ACABAMENTO
NA PREMIUS EDITORA EM FORTALEZA /
CE, OUTUBRO DE 2000.





O GRITO

Para Hélio Rola

Nós não nascemos para viver
de espanto - de jeito nenhum!
Mas somos o grito da humanidade:
Munch - a ponte da morte.

O sonho de Munch é o grito na tela,
querela transparente que reverbera
o eco sublime da dor - e do prazer estético,
arquétipo do mundo moderno.

Que grande porcaria este soneto
de grito - que nem soneto é:
é somente a lembrança

do pavor e do belo e do grito -
palmito engelhado no corante branco
no couro da tela acesa.